

Leia o texto abaixo para responder às questões 01 a 10.

Depressão e dor nas costas

Quem aí conhece alguém que padece de dor nas costas? E alguém que ficou deprimido recentemente?

Ah, você mesmo está com o ciático incomodado e anda tristonho?

Bem, não sei se isso ajuda, mas você não está só, definitivamente.

O título acima e estas perguntas podem dar a falsa impressão de que dor nas costas e depressão são males relacionados. Podem até ser, mas por motivos diversos daqueles que determinam sua origem.

A associação entre os dois, na verdade, não é de minha lavra, mas foi pescada em uma dessas reportagens de fim/começo de ano em que, na ausência de fatos relevantes no noticiário, pesquisa-se mais e vai-se à cata, nos veículos de informação, de dados relevantes que possam ajudar a melhorar a vida das pessoas - nem sempre com êxito.

Mas a reportagem de TV a que me refiro detectou um aumento substancial e notável de afastamento de pessoas de seu trabalho por conta de dores nas costas. Mais: elencou casos em que o próprio trabalho era o responsável pelas dores, de modo que as vítimas foram à Justiça e ganharam reparação financeira pelo dano sofrido a serviço de outrem.

Daí, na sequência da matéria, veio a informação que me chamou realmente a atenção (mesmo porque dores nas costas são um tradicional elemento incapacitante, de acordo com a medicina do trabalho): estariam também aumentando insistentemente os casos de afastamento do trabalho por conta de episódios de depressão. E na mesma linha de raciocínio das dores nas costas/indenização, um especialista vaticinou: se ficar comprovado que a depressão foi originada pelas condições impostas e/ou por conta do próprio trabalho, o cidadão poderá, sim, exigir reparação financeira.

Quanto à primeira parte, parece bastante lógico que com o aumento das informações a respeito da depressão e da maior aceitação por parte da sociedade de que o conjunto de sintomas até pouco tempo considerados pouco mais que frescura, fraqueza ou mera preguiça venha sim a ser encarado como a moléstia incapacitante que em geral verdadeiramente é: quem passa por um episódio grave de depressão perde tantos referenciais íntimos, pessoais, de sua vida afetiva, conjugal, sexual, amor próprio, auto-estima etc., por qual razão não ocorreria o mesmo em relação à capacidade profissional? Quem passou por isso ou conviveu/convive com alguém acometido pela doença sabe do que estou falando.

Trata-se, então, de "aceitar a aceitação" da depressão como uma oportunidade alvisareira para que haja o tratamento. Assim como é dada esta oportunidade para quem precisa cuidar de um órgão doente, uma febre forte ou... uma terrível dor nas costas.

Já com relação à opinião do especialista ouvido pela TV sobre a indenização, tenho cá minhas dúvidas. Acho muito difícil sustentar a tese de que este ou aquele trabalho e/ou suas condições possam ser determinantes ou responsáveis pelo surgimento da depressão. Por um motivo muito simples: não existe consenso entre médicos, cientistas e estudiosos em geral sobre as causas verdadeiras, efetivas da depressão. A rigor, fala-se sempre de um conjunto de motivos geradores da doença, que pode ser agudizada por condições internas e externas. Sabe-se também, no entanto, que a depressão pode surgir do nada...

Quer um exemplo disso? Leia a bula de qualquer antidepressivo, sobretudo daqueles que atuam como inibidores seletivos da recaptção da serotonina (isto é, que impedem a serotonina¹ causadora do bem estar de deixar rapidamente o organismo, aumentando portanto a sobrevida das sensações agradáveis). Com quase total certeza você vai encontrar lá na bula alguma coisa assim: "supõe-se que este medicamento atue nos neurotransmissores etc. etc."

E é isso mesmo, supõe-se. Assim como se supõe que a depressão venha daqui e dali, podendo vir de qualquer lugar, não se tem certeza da maneira exata como os medicamentos agem, ou podem ou deveriam agir.

Na verdade, essa indefinição misteriosa acaba, no final das contas, aproximando depressão das dores nas costas. Sabe, aquela dorzinha enjoada, ou aquela dor desgraçada, que deixa você torto e que você não sabe de onde veio? Pois é...

(Luiz Caversan, 08/01/2011. Folha.com.)

1 A serotonina é um neurotransmissor, isto é, uma molécula envolvida na comunicação entre neurônios.

1. Os termos frescura, fraqueza ou mera preguiça referem-se:

- a) a uma concepção de depressão.
- b) a sintomas de dor nas costas.
- c) aos que solicitam afastamento do trabalho.
- d) a sintomas decorrentes dos antidepressivos.
- e) à indefinição do que seja depressão.

-
2. Marque a opção cuja expressão substitui, adequadamente, tanto em termos de sentido quanto de estilo, o trecho: "não é de minha lavra".
- a é da lavra dos médicos.
 - b não é da lavra de ninguém.
 - c não me interessa a lavra.
 - d não é de minha autoria.
 - e não é da minha conta.
3. O que inspirou o autor a escrever este texto foi o seguinte fato:
- a ausência de notícias relevantes, no início do ano, nos veículos de informação.
 - b a notícia sobre a dor nas costas ser a causa do afastamento de pessoas do seu trabalho.
 - c a possibilidade da depressão ser indenizável se originada no próprio trabalho.
 - d a existência de uma relação direta entre depressão e dores nas costas.
 - e o próprio trabalho ser o único responsável pelas dores nas costas.
4. "...**Na verdade**, essa indefinição misteriosa acaba...". A expressão destacada, nesta frase:
- a é usada, pelo autor, simplesmente para concluir o artigo.
 - b faz referência apenas à indefinição do que seja depressão.
 - c revela a opinião do próprio autor sobre depressão.
 - d afirma uma suposta relação entre depressão e dor nas costas.
 - e enfatiza que a depressão é uma doença.
5. De acordo com o texto, a opinião do brasileiro, a respeito da depressão, revela que ele:
- a refuta qualquer relação desta com doença, com incapacidade profissional/indenização.
 - b tem pouco acesso a informações, por isso a considera mera preguiça.
 - c não a considera causa merecedora de indenização trabalhista.
 - d não crer que a origem possa estar no seu próprio trabalho.
 - e a reconhece como moléstia que precisa de tratamento como qualquer outra.
6. Pelo contexto do artigo, a impossibilidade de indenização tem como causa:
- a a inexistência de consenso entre médicos e a sociedade em geral sobre as verdadeiras causas da depressão.
 - b o fato da depressão poder surgir do nada, portanto sem associação com o trabalho.
 - c o fato das bulas dos antidepressivos apenas suporem como os medicamentos podem agir.
 - d a dificuldade de sustentar a tese de que este ou aquele trabalho seja responsável pelo surgimento da depressão.
 - e as despesas geradas pelo aumento do número de casos de afastamento do trabalho por conta da depressão.
7. Pelas interrogações do 1º parágrafo, podemos concluir que, em qualquer âmbito, o autor:
- a não tem consciência dos problemas relativos à depressão.
 - b busca interagir com o leitor.
 - c não tem depressão e nem dor nas costas.
 - d crer na relação entre dor nas costas e depressão.
 - e julga dominar o tema título do artigo.
8. O termo "Mais:" tem como função textual:
- a acrescentar uma informação sem relação alguma com a anterior.
 - b exemplificar o afirmado no período anterior.
 - c acrescentar uma informação nova sobre o já afirmado.
 - d enumerar razões das dores nas costas.
 - e explicar as ideias anteriormente expressas.

9. Tendo em vista a ideia global do texto, as considerações do autor se voltam fundamentalmente para:

- a) médicos/depressão/dores nas costas.
- b) remédios/doenças/bulas.
- c) trabalho/dores nas costas/justiça.
- d) deprimidos/ciático/tristinho.
- e) dores nas costas/depressão/indenização.

10. Ao falar da "aceitação da aceitação", o texto alude à:

- a) oportunidade de tratamento da depressão.
- b) necessidade de indenização por depressão.
- c) ação dos médicos sobre o tratamento da depressão.
- d) aceitação da depressão como algo natural.
- e) negação da depressão como doença.

O texto que você vai ler a seguir foi retirado do artigo *Raízes sociolinguísticas do analfabetismo no Brasil*, escrito por Stella Maris Bortoni-Ricardo; Maria da Guia Taveiro Silva; Maria do Rosário Rocha Caxangá; Marli Vieira Lins e publicado na revista *Acolhendo a Alfabetização nos Países de Língua Portuguesa*, nº 4, março-agosto de 2007, da Universidade do Estado de São Paulo. Ele servirá de base para as questões de 11 a 15.

O analfabetismo está na raiz de todos os grandes problemas sociais no Brasil. Constitui um mal radicado na sociedade brasileira, praticamente tão antigo quanto o próprio país, e infenso às diversas campanhas de alfabetização que surgem no bojo de políticas educacionais. Neste contexto, escrevemos este artigo que é produto de reflexões sobre as contribuições da Sociolinguística para uma política de alfabetização no Brasil. Discutimos o caráter perverso e persistente do analfabetismo brasileiro, situando-o numa matriz sócio-histórica e investigando suas causas na ecologia sociolinguística da comunidade de fala brasileira. Nesta primeira parte, levantamos informações censitárias que dão conta das dimensões e características do problema. Esses números nos mostram que a taxa de alfabetização no Brasil é uma das mais baixas do mundo, mesmo considerando apenas os países do Hemisfério Sul. No entanto, se comparamos o Brasil com outros países, verificamos que nosso país conta com dois fatores favoráveis à disseminação da cultura letrada: a língua de instrução na escola brasileira é o Português, que é justamente língua materna de mais de 90 % da população nacional. Essa é uma vantagem que poucos países em desenvolvimento têm, já que em sua maioria são multilíngues, o que torna difícil e onerosa a alfabetização dos alunos em sua língua materna. Outro fato que favorece a aprendizagem da leitura e escrita no Brasil é o caráter razoavelmente fonêmico do sistema ortográfico do português. Diferentemente do que acontece com o português, em muitas línguas a codificação ortográfica está longe de refletir a pronúncia vigente. Confrontando essas duas circunstâncias com os números do analfabetismo, coloca-se a pergunta: Por que o Brasil ainda não conseguiu alfabetizar a sua população? Buscamos a resposta na matriz sociolinguística da comunidade de fala brasileira, cujas peculiaridades examinamos à luz dos processos sócio-históricos que a plasmaram.

11. Por algumas de suas características, afirma-se que o texto lido corresponde:

- a) à conclusão de um trabalho acadêmico.
- b) à citação de um livro de outro autor para corroborar a tese daqueles que escreveram o texto.
- c) à introdução de um trabalho acadêmico.
- d) à exposição das razões afetivas que levaram os autores a escrever o artigo.
- e) a uma defesa dos autores em resposta a críticas negativas formuladas contra o artigo por eles escrito.

12. Assinale o comentário correto sobre a primeira assertiva do texto.

- a A causa nela contida, pelo modo como é enunciada, deve ser entendida como básica para explicar a consequência a que se refere.
- b Deve-se entender por causa, na assertiva, a frase: os grandes problemas sociais no Brasil.
- c O Brasil para resolver seus grandes problemas sociais necessita equacionar sobretudo fenômenos que não se resumem ao âmbito educacional.
- d O Brasil é um país em que múltiplas deficiências de mesmo alcance ocasionam grandes problemas sociais.
- e O efeito principal dos grandes problemas sociais brasileiros é o analfabetismo.

13. Assinale a frase, extraída do texto que indica, de forma clara e direta, a resistência do problema às tentativas de solucioná-lo.

- a um mal radicado na sociedade brasileira,
- b a língua de instrução na escola brasileira é o português
- c a taxa de alfabetização do Brasil é uma das mais baixas do mundo,
- d inenfoque às diversas campanhas de alfabetização
- e praticamente tão antigo quanto o próprio país,

14. Indique, entre as opções abaixo, aquela que apresenta a desvantagem de muitos países para equacionar o problema do analfabetismo.

- a a quase unidade linguística que apresentam.
- b o plurilinguismo existente em seus territórios.
- c O caráter razoavelmente fonêmico de suas línguas oficiais.
- d O caráter oneroso das campanhas de alfabetização.
- e O interesse de seus cidadãos pela oralidade.

15. Assinale o motivo, ou os motivos, que leva(m) os autores do artigo a formular (em) o questionamento do final do texto.

- a A corrupção que impede a aplicação efetiva dos recursos destinados a erradicar o analfabetismo.
- b O Brasil possuir um elevado número de dialetos indígenas ainda correntemente usados em gigantescos espaços geográficos.
- c Os problemas sociais que desviam o interesse da população pobre da cultura para aqueles mais diretamente ligados à subsistência.
- d A insensibilidade de deputados e senadores que destinam uma parcela pequena da arrecadação dos impostos para atender às demandas culturais.
- e A dupla facilidade que existe em nossa realidade sociolinguística para resolver o problema do analfabetismo.

Você vai ler agora o início de uma resenha da obra *Uma história do corpo na Idade Média*, escrita por LE GOFF, Jacques; TRUONG, Nicolas, retirada da Revista Estudos Feministas vol.18, nº.2, maio/junho de 2010. A revista pertence à Universidade Federal de Santa Catarina e a resenha foi escrita por Diogo da Silva Roiz. Ela servirá de base para resolver as questões de 16 a 20.

O corpo no Ocidente Medieval Uma história do corpo na Idade Média.

"O corpo está no centro de toda relação de poder.

Mas o corpo das mulheres é o centro, de maneira imediata e específica.

Desse modo, Michelle Perrot, em 1994, sintetizava as relações de poder que mediavam estreitamente os debates sobre 'gênero' na Europa. Muito embora Jacques Le Goff apenas circunstancialmente houvesse tratado do assunto, com *Uma história do corpo na Idade Média*, que foi escrito em parceria com Nicolas Truong, os autores ofereceram uma bela contribuição para o entendimento desse tema na Civilização do Ocidente Medieval.

Não faz muito tempo que os estudos históricos se abriram para um conjunto de temas e objetos mais amplo, o que, mesmo assim, não quer dizer que todos os temas, fontes e objetos já foram pesquisados pelo historiador. Quanto maior é o número de abordagens possíveis de serem utilizadas na pesquisa histórica, mais nítida se torna a constatação de que as 'grandes' mudanças teóricas e metodológicas da história são provenientes da renovação e da ampliação dos temas investigados.

No entanto, o problema, muitas vezes, está em operacionalizar adequadamente um procedimento de pesquisa à análise de certos objetos. Cada vez mais tem se demonstrado que certos problemas, certas abordagens são pertinentes para alguns temas, mas não para outros. Como tornar o assunto passível de ser inquirido e estudado pelo pesquisador é, nesse caso, o problema fundamental. E foi pensando nessas questões que os autores indicam a necessidade de estudarem o 'corpo' na Idade Média europeia e justificam esse propósito.

Desde o início a preocupação dos autores esteve em demonstrar que o corpo, enquanto objeto de pesquisa, constitui uma das grandes lacunas da história, "um grande esquecimento do historiador. A história tradicional era, de fato, desencarnada. Interessava-se pelos homens e, secundariamente, pelas mulheres. Mas quase sempre sem corpo" (p. 9). Pensando nisso, seria, segundo eles, "preciso [...] dar corpo à história. E dar uma história ao corpo" [porque] "o corpo tem uma história", [e a] "concepção do corpo, seu lugar na sociedade, sua presença no imaginário e na realidade, na vida cotidiana e nos momentos excepcionais sofreram modificações em todas as sociedades históricas" (p. 10). Por isso mesmo, a "história do corpo na Idade Média é [...] uma parte essencial de sua história global" (p. 11), inevitável e indispensável para se compreender adequadamente a sociedade contemporânea, na qual o corpo tem, progressivamente, ganhado cada vez mais destaque na mídia."

LE GOFF, Jacques; TRUONG, Nicolas

Tradução: Marcos Flaminio Pires. Revisão técnica: Marcos de Castro.

Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. 207 p.

16. Após a leitura do texto conclui-se que é objetivo de uma *resenha*:

- a) apresentar uma obra ao público.
- b) retirar e transcrever as frases principais de um livro.
- c) comparar todos os livros escritos por um autor.
- d) reescrever de forma facilitada as ideias de um autor para o público leigo.
- e) sintetizar as ideias de um autor constantes no conjunto de sua obra.

17. A expressão "**desse modo**", utilizada pelo resenhista na abertura da terceira linha da resenha propriamente dita, refere-se:

- a) às frases que ele próprio criou e destacou em itálico anteriormente.
- b) ao estilo de escrita dos autores da obra resenhada.
- c) ao excerto da obra dos autores resenhados que ele transcreveu.
- d) à maneira como as pessoas cobriam seu corpo na Idade Média.
- e) à força da Igreja católica em definir a maneira de ver o corpo na cultura ocidental.

-
18. Ao fazer referência às mudanças ocorridas no modo de investigar a história, o resenhista enfatiza como causa:
- a a humildade dos historiadores em reconhecer que ainda existem muitos temas a serem investigados.
 - b a ênfase dada pelos historiadores aos problemas de gênero.
 - c a inclinação dos historiadores para reavaliar o papel do corpo na História da Civilização Ocidental.
 - d o interesse pela variedade de aspectos da realidade que os pesquisadores passaram a examinar.
 - e a noção que a história deve se ocupar apenas pelos temas cotidianos.
19. Ao discutir o método de análise desse novo modo de abordar os fenômenos históricos, o resenhista chama atenção para o fato de que:
- a é preciso definir um único método para produzir conclusões eficazes.
 - b o método é o aspecto menos importante da abordagem.
 - c o método deve estar associado ao tema abordado.
 - d qualquer método é adequado, desde que possa ser utilizado em uma ampla variedade de temas, ressaltando, entretanto, que não há métodos únicos.
 - e um tema só é válido se for capaz de permitir que seja inferido dele um método adequado de análise.
20. Assinale a assertiva correta sobre a obra resenhada, a partir do que diz sobre ela o próprio resenhista.
- a seu aspecto central é a religiosidade medieval.
 - b seu assunto já havia sido amplamente estudado, pelo menos por um de seus autores.
 - c é um aprofundamento das investigações já levadas a efeito pela história tradicional, usando os mesmos métodos que os dela.
 - d o objeto de estudo da obra dispensa referências às questões de gênero.
 - e ela é um aspecto de uma investigação mais geral que tem por objeto de pesquisa o corpo.